

Paêbirú: O Psicodelismo Nordestino deu Cria¹

Ashlley MELO²

Bruna CONCEIÇÃO³

Luisa FARIAS⁴

Maria Luiza CAVALCANTI⁵

Pedro SIQUEIRA⁶

Rayane MARINHO⁷

Carla TEIXEIRA⁸

Universidade Católica de Pernambuco, Recife, PE

Resumo: Este artigo analisa as capas e as letras dos discos do rock psicodélico, gênero musical que orquestrou o movimento de contracultura. Para realizar tal análise utilizamos conceitos de Design Gráfico de Richard Hollis (2001), o método da semiótica visual proposto por Martine Joly (2007) e a análise de discurso de Eni Pulcinelli Orlandi (2001). No estudo, assumimos como hipótese que o rock psicodélico Nordestino da década de 70, ilustrado pelo disco Paêbiru, influencia bandas de rock da atualidade, como a banda Tagore.

Palavras-chave: Psicodelismo nordestino; rock psicodélico; Paêbirú; Tagore.

1. INTRODUÇÃO

Por definição, “cultura” é o conceito de todo complexo que inclui conhecimento, arte, crenças, lei e moral. É uma das bases da sociedade moderna e fundamental para cada povo do planeta, podendo variar de acordo com o autor que busque definir o termo. A “contracultura”, por sua vez, questiona valores centrais vigentes e sacramentados principalmente na cultura ocidental (LARAIA, 2001). Justamente por isso, são pessoas que se negam a adaptar-se às visões aceitas pelo mundo. É comum associar a contracultura a uma espécie de resistência ao estilo de vida capitalista.

O psicodelismo nordestino da década de 70 foi um movimento político-cultural, representando um ideal libertário em um período marcado por rivalidades ideológicas. Pernambuco é destacado por uma rica produção cultural e pelo resgate pela cultura regional. Como sendo de contracultura, a vertente do psicodelismo torna-se marginalizada.

¹ Trabalho apresentado no IJ 04 – Comunicação Audiovisual do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 07 a 09 de julho de 2016.

² Estudante de Graduação 5º. Semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco, email ashlleymelo01@gmail.com

³ Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo da Unicap, email: brusarga@gmail.com

⁴ Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo da Unicap, email: luh_farias.94@hotmail.com

⁵ Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo da Unicap, email: maluferreira8@hotmail.com

⁶ Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo da Unicap, email: pedro.leandro14@gmail.com

⁷ Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo da Unicap, email: rayemarinho@gmail.com

⁸ Orientadora do trabalho. Doutoranda em Design pela UFPE. Professora Assistente 2 dos cursos de Jornalismo, Publicidade e Jogos Digitais da Unicap, email: carla.teixeira3@gmail.com

Há estudos sobre o movimento “udigrudi”, inclusive do LP Paêbirú. Mas nenhum deles, no entanto, tem foco na banda Tagore, provavelmente por se tratar de um grupo relativamente novo.

Visto que ainda não existe uma pesquisa sobre a conexão destas duas bandas, percebe-se a necessidade de analisar os signos presentes nas capas e letras das suas respectivas obras, para identificar uma possível correlação entre elas. Utilizaremos as bases teóricas da análise do discurso, mais especificamente os conceitos de interdiscurso e metáfora. Também iremos explorar as questões sonoras do LP Paêbirú, pela perspectiva de Teles (2000), desenvolvida no livro *Do Frevo ao Manguebeat*, que traça um panorama de toda a música pernambucana dos anos 1940 à década de 1990, explorando em detalhe a psicodelia pernambucana.

Utilizaremos também como objeto de estudo as capas dos discos, analisadas pelo método da semiótica visual, de Martine Joly (2007) junto às categorias de signo plástico, signo icônico e signo linguístico. A teoria do psicodelismo, através do conceito de design gráfico de Richard Holli (2001) trará o embasamento para a exploração do conteúdo da imagem no projeto gráfico das capas.

Entende-se que existe uma relação que por ora é compreendida como plágio, por outra como influência artística. A proposta da presente análise busca favorecer o debate sobre histórias da cultura psicodélica e o novo cenário para bandas “udigrudi” no Nordeste.

2. PSICODELIA, IMAGEM E DISCURSO: CAMINHOS DA ANÁLISE

Inserido na teoria da análise do discurso, o conceito de interdiscurso traça um panorama das circunstâncias de enunciação e contexto sócio histórico em que está inserido o enunciado (ORLANDI, 2001). A materialidade textual da mensagem é levada em consideração para identificar a interpretação que o compositor faz para construir a estrutura das letras. Já a metáfora, também dentro desta teoria de análise, traduz uma forma de comunicar tomando como referência o significado de uma palavra ou expressão e atribuindo-o a outra.

A teoria de análise da imagem leva em consideração a identificação dos signos presentes nas imagens a serem analisadas. Segundo Martine Joly (1994, p. 103), para haver a correta análise existe a necessidade de serem reconhecidos os signos plásticos, que trata das mensagens passadas através dos elementos visuais da foto, os signos icônicos, que sugere a análise através de ícones simbólicos e menos perceptíveis sem prévia assimilação,

e por último, os signos linguísticos, geralmente encontrados como forma de traduzir o assunto ou fazer um resumo do que será visto.

Vindo da década de 60, o psicodelismo no design gráfico recebeu uma enorme influência dos outros movimentos sociais que ocorriam antes dele. O underground foi o que mais influenciou o psicodelismo, trazendo características essenciais do movimento, como a falta de tratamento nas imagens, ou até mesmo passando por um processo de desgaste, para que haja um efeito de imagem sem muitos caprichos ou preocupação. O design trazia peças cada vez mais brutas para manter a estética “suja”, que é o maior símbolo do movimento underground.

Abaixo analisamos as teorias conforme se encontra ilustrado na tabela.

Teoria	Autor	Conceito	Categoria a ser usada
Análise do discurso	Orlandi (2001)	A análise de discurso visa compreender como um objeto simbólico produz sentidos.	Interdiscurso: É da ordem do saber discursivo, memória afetada ao longo do tempo. Metáfora: Tomada de uma palavra por outra. Significa “transferência” de significados de um discurso para outro. Traz uma carga de historicidade na sua construção.
Introdução à Análise da Imagem	Joly (2007)	Trata de analisar cada elemento da imagem para traduzir o que cada símbolo comunica	Signo Plástico: análise das formas, cores, enquadramentos. Signo Icônico: análise dos ícones presentes nas imagens. Signo Linguístico: análise do texto presente na imagem, observando a tipografia.
Psicodelismo	Hollis (2001)	Trata de analisar o conteúdo da imagem sob o contexto da época em que cada uma está inserida, levando em conta os diferentes fatores sociais de cada período	Design gráfico: analisar através de traços, cores e tecnologias simples.

Tabela 1: Conceitos e categorias de análise. Fonte: do autor

3 SOBRE O LP PAÊBIRÚ E TAGORE

Produzido por Lula Côrtes e Zé Ramalho, álbum duplo, Paêbirú - O caminho do Sol foi uma mistura de elementos do rock psicodélico e do jazz a ritmos brasileiros,

especialmente nordestinos. A fusão tornou o álbum pioneiro tanto no cenário da psicodelia nacional quanto na mistura entre gêneros consagrados no exterior com gêneros do Nordeste (CORREIO DE UBERLÂNDIA, 2015).

A banda pernambucana Tagore foi criada no ano de 2010, pelos músicos João Cavalcanti e Tagore Suassuna e está inserida no gênero do rock, com forte influência psicodélica. O grupo parte de uma nova geração de músicos da cena recifense influenciada pelos sons dos anos 1970, que inclui ainda Juvenil Silva, Dunas do Barato e Anjo Gabriel. Em 2014, a banda lançou o álbum *Movido a Vapor*. O disco é uma mistura de baião, folk e arranjos psicodélicos, com letras que falam da vida moderna e sobre o existencialismo humano.

Considerando que as duas expressões artísticas estão situadas em tempos diferentes, o contexto de comunicação replica-se. No livro *A Sociedade do Espetáculo*, observamos que o aperfeiçoamento das expressões significa para Guy Debord um plágio necessário

As palavras se aperfeiçoam. O sentido das palavras também. O plágio é necessário. O avanço implica-o. Ele acerca-se estreitamente da frase de um autor, serve-se das suas expressões, suprime uma ideia falsa, substitui-a pela ideia justa. (DEBORD, 1997, p.12.)

4. OS SIGNOS DA PSICODELIA EM “PAÊBIRÚ” E “MOVIDO A VAPOR”

De acordo com Hollis (2001), o psicodelismo tem como característica visual a semelhança com o movimento underground que traz uma identidade diferenciada, buscando deixar o produto bruto ou até com uma essência “desgastada” para destacar outros aspectos. São elas que norteiam, junto com a semiótica visual, a análise das capas do LP *Paêbirú* e do CD “*Movido a Vapor*”.

4.1 ANÁLISE DA CAPA DO LP PAÊBIRÚ

O estilo psicodélico de *Paêbirú* está presente também em sua capa. Ao usar as cores azul e roxo, faz o observador ser levado pelo sentimento de leveza presente nesses tons, além de retratar a natureza sombria e misteriosa da Pedra do Ingá, de forma alucinógena. A foto também preza pela má qualidade de impressão e de tratamento da imagem, sendo perceptível a precariedade de equipamento usado para a criação da foto.

Na semiótica visual, observam-se três tipos de signos na construção das mensagens: plásticos, icônicos e linguísticos. Na capa de “*Paêbirú*” estão presentes as faces azuladas e em perfil dos dois cantores, como se estivessem trocando olhares, e, ao fundo, a misteriosa

Pedra do Ingá, num tom arroxeadado. A foto traz uma legenda na parte superior do lado direito, “Lula Côrtes e Zé Ramalho”, apresentando os cantores. De formato tanto x tanto, o LP tem capa e contracapa composto por uma única imagem, que se prolonga pelo formato do LP.

Em relação à foto usada para a capa, é possível perceber a falta de uma moldura, que remete à ideia de um corte na imagem, reforçando que existiam outros elementos no momento, mas que não foram mostrados, deixando o observador imaginar o que poderia estar fora do campo de visão. Já o enquadramento da foto, nos faz sentir o afastamento, por estar posicionada verticalmente e distribuída pelo campo.

O ângulo da imagem (figura 1) faz crer que estamos observando de perto a interação dos dois homens presentes e acaba dando um ar mais natural a imagem. Do lado direito, vemos um homem de barba e com uma touca clara na cabeça, que foi levemente excluído do quadro, já que seu pescoço não aparece na imagem, e ao ser comparado com o outro rapaz, o do lado esquerdo, percebe-se que o quadro mostra seu perfil até a altura dos ombros, dando a entender de que um deles é maior que o outro, ou está em uma posição elevada.

A distribuição dos cantores na foto nos faz perceber que existe uma prioridade em mostrar Lula Côrtes, mas, por tratar de dois nomes, leva o observador a procurar e encontrar do outro lado da capa a segunda face, desta vez de Zé Ramalho.



Figura 1: Capa e contracapa do LP Paêbirú. Fonte: TRIBUNA DO NORTE, 2016.

Ao analisarmos os desenhos presentes na pedra que serve de fundo para os cantores, é possível observar a representação das formas arredondadas, que contrariam a ideia da virilidade presente nas faces dos que estão no primeiro plano.

As cores trazidas na imagem da capa de Paêbirú remetem à suavização, mais uma vez em harmonia com as formas orgânicas da pedra. O azul traz o sentimento de calma, e o

roxo apenas segue o mesmo ritmo, dando a impressão de que é uma coisa mítica, porém maleável.

As figuras humanas que ilustram a capa dão a entender que existe uma intimidade e uma certa intriga pelo olhar que trocam, mesmo estando distantes e separados pela pedra. Não são modelos, mas sim os próprios cantores do álbum que parecem estar encantados e inspirados com as histórias e lendas acerca da Pedra de Ingá, fazendo a capa ser um dos registros que afirma o mistério por trás da pedra. O texto encontrado na imagem apenas identifica os cantores, além de trazer um traço de psicodelia nordestina na fonte utilizada.

4.2 ANÁLISE DA CAPA CD MOVIDO A VAPOR

Quase 40 anos depois do lançamento do LP Paêbirú, a banda pernambucana Tagore apresentou seu primeiro CD, Movido a Vapor. Paêbirú tem 14 faixas e Movido a Vapor, 13. Neste artigo analisaremos as capas e as cinco letras mais influentes dos discos. Na capa do CD da banda Tagore, temos uma foto de um bebê, aparentemente do sexo masculino, com cabelos loiros e olhos bem escuros com uma expressão de seriedade no rosto e um cigarro inutilizado em sua boca. Na parte de cima, o nome da banda e o título do álbum vem em letras vermelhas.

A falta de moldura na foto transmite a ideia de que o fotógrafo excluiu do quadro o contexto por trás da situação tendo em vista um único plano. O enquadramento mais fechado no rosto da criança passa a ideia de proximidade da situação e nos faz sentir como se fossemos parte da cena. Ao usar uma objetiva mais longa, o fotógrafo traduz o foco único no modelo, usando o desfoque para caracterizar a falta de importância dos objetos ao fundo.

Em relação ao ângulo da foto (figura 2), o fotógrafo tenta captar a expressão da criança se posicionando na mesma altura que o modelo para mostrar que existe igualdade entre a criança e o adulto da atualidade. Aí, entra também o conceito de modernidade, que nos faz perceber a semelhança dos hábitos na cultura brasileira e a pressa presente nos dias de hoje, que fez a criança perder a infância e adquirir hábitos de adulto.



Figura 2: Capa do CD Movido a vapor. Fonte: YOUTUBE, 2016

O formato do rosto do bebê faz perceber que as formas arredondadas quebram o “peso” da imagem, suavizando a mensagem passada pela foto. O cigarro, em sua verticalidade, representa toda a rigidez e seriedade do mal causado pelo fumo.

As cores usadas na capa (figura 2) são suaves, tons de bege, amarelo e branco, e detalhes da blusa da criança em verde. Apesar do amarelo ser uma cor quente, na foto, o tom usado remete a cor da pele e mais aberto, ao cabelo do bebê, dando a impressão de uma cor majoritariamente quente. Já a iluminação é usada de forma difusa, sem muitos contrastes, apenas percebe-se uma fonte de luz do lado esquerdo do rosto da criança.

A figura humana que ilustra a capa do CD da banda Tagore apresenta um olhar fixo e direto ao fotógrafo/observador, apesar de ter a cabeça levemente virada para seu lado direito, como se discordasse com alguma coisa. O cigarro preso aos lábios tende a remeter à precocidade de certas crianças, ou até a uma brincadeira feita entre familiares, mas “politicamente incorreta”. O título do CD, em letras vermelhas e maiúsculas, tenta atrair a atenção do observador para algo além do cigarro na boca da criança, mas não obtém sucesso.

A psicodelia da imagem pode ser reconhecida através da rebeldia na composição da foto e a escolha de tratamento, já que passa a ideia de uma foto mais antiga, em que foi feito um processo de coloração diferenciado da foto original.

A contracapa (figura 3) de Movido a Vapor traz a imagem aérea de uma metrópole, identificada pelos vários prédios, de algum tempo atrás, já que os veículos nas ruas parecem ser mais antigos, possivelmente da década de 80. A imagem tem tons claros e amarelados que remetem a sutileza da foto. As sombras projetadas nos prédios faz perceber que existe a influência da iluminação do sol e dá a entender que a foto foi tirada no início da manhã.

O enquadramento em questão traz a ideia de foco no prédio e nas vias que estão em primeiro plano. A falta de moldura, mais uma vez, credita ao fotógrafo a responsabilidade de exclusão de outros elementos presentes na foto. Os elementos linguísticos presentes dão nome às músicas do álbum, listadas na vertical, e logo abaixo, informações acerca da gravação do CD. O tratamento dado à imagem remete a uma foto antiga, como já foi dito, e com poucas edições.



Figura 3: Contracapa do CD Movido a Vapor. Fonte: MERCADO LIVRE, 2016

Ao comparar as duas capas, é possível identificar várias semelhanças nos signos plásticos e icônicos, pois tendem a usar cores e formas mais suaves, trazendo uma ideia de calma. Já nas mensagens linguísticas, existe a semelhança em levar a informação, mas suas formatações indicam propósitos diferentes. Já o contexto histórico-psicodélico, também expõe semelhanças no modo de tratamento da imagem e na coloração que foi dada posteriormente.

5 O DISCURSO DO PSICODELISMO NORDESTINO

No livro *A Experiência Psicodélica* (1964), o psicólogo, escritor e guru psicodélico Timothy Leary define da seguinte forma o psicodelismo e o desprendimento que se tornariam motes na psicodelia nordestina:

Ligar-se, sintonizar-se, libertar-se. Ligar-se significa voltar-se para dentro afim de ativar os equipamentos neurais e genéticos. Tornar-se sensível aos muitos e diferentes níveis de consciência e aos botões específicos que os acionam. Sintonizar-se significa interagir harmoniosamente com o mundo exterior: exteriorizar, materializar, expressar as novas perspectivas internas. Libertar-se sugere um processo ativo, seletivo e suave de separação de compromissos involuntários ou inconscientes. Libertar-se significa

autoconfiança, descoberta da singularidade individual, compromisso com a mobilidade, escolha e mudança. (LEARY et al, 1964, p. 4).

O uso de instrumentos exóticos também é uma das principais características da música psicodélica:

As bandas de rock psicodélico costumam incluir instrumentos típicos das bandas de rock, com uso frequente de teclados e instrumentos exóticos. As guitarras elétricas são frequentemente usadas com feedback, wah-wah e fuzzboxes, efeitos pouco utilizados até o estilo se tornar popular. Costuma haver uso de instrumentos exóticos que são utilizados na música da Índia, particularmente o citar e o tabla. (LEARY et al, 1964, p. 4)

Mais do que um álbum gravado nos moldes convencionais, Paêbirú se assemelha a um exercício de improviso da dupla Lula Côrtes e Zé Ramalho, inspirados filosoficamente pela lenda da Pedra do Ingá do Bacamarte, localizada na Paraíba, e a lenda de Sumé. Do ponto de vista musical e melódico, o álbum segue os moldes do rock psicodélico que estava sendo feito no Brasil e no exterior.

5.1 AS MELODIAS E CANÇÕES INSTRUMENTAIS DE PAÊBIRÚ (1975)

O álbum foi lançado em 1975, no formato de vinil duplo, dividido entre Lado A e Lado B. Cada lado do disco representa um dos quatro elementos naturais, Terra, Água, Fogo e Ar, respectivamente. Isto dá um sentimento cíclico as quatorze faixas do disco, com a relação entre os elementos explicitada nas letras e também na musicalidade.

Trilha de Sumé/"Culto à Terra"/"Bailado das Muscarias, formam o lado A do disco. Lula e Zé se utilizam de instrumentos musicais que representam a terra, com uma batida mais pulsante. São utilizados tambores, congas e demais instrumentos de percussão. Harpa dos Ares, Não Existe Molhado Igual ao Pranto e Omm representam o lado Ar, e já são mais etéreas, contemplativas e místicas.

No terceiro lado, Fogo, estão as composições mais pesadas do repertório, representando a chama do rock n'roll. Nele se encontra às faixas Raga dos Raios, Nas Paredes da Pedra Encantada, Os Segredos Talhados Por Sumé e Maracás de Fogo.

No último lado, Água, observamos as composições mais surreais, que lidam diretamente com a temática mística da Pedra do Ingá, civilizações alienígenas e a relação entre o homem, sua terra e o espaço. As músicas são "Louvação à Iemanjá", "Regato da Montanha", "Beira Mar", "Pedra Tempo Animal" e "Sumé". No livro *Do Frevo ao Manguebeat* (TELES, 2000), os aspectos melódicos do rock nordestino são descritos da seguinte forma:

O disco é quase todo instrumental. Nem Zé Ramalho nem Lula Côrtes achavam que fossem bons de vocais. Os poucos vocais são de Zé Ramalho, que é o maestro de Paêbirú. É um trabalho experimental, empírico, sem um método. Ensaaiaram-se ali fusões de ritmos, ainda que poucos consistentes (TELES, 2000).

Pegando, por exemplo, a canção *Bailado das Muscarias*, percebe-se que ela não segue estrutura tradicional de verso e refrão, até por se tratar de uma composição inteiramente instrumental. Outra característica forte do psicodelismo é a mistura de ritmos. Em quatro minutos e trinta e cinco segundos, a música alterna entre momentos jazz com a viola caipira de Zé Ramalho, acompanhada pela flauta doce de Lula Côrtes. Mostra a ideologia de misturar os ritmos de fora com os elementos puramente nordestinos, como o rock 'n' roll, mais evidente ainda na faixa *Maracas de Fogo*, misturando violas e solos de guitarra. *Maracas*, ainda que sem letra, traz uma série de cânticos que se assemelham aos sons indígenas, trazendo à tona também o lado místico de Paêbirú, inspirado pelas lendas e mistérios da Pedra do Ingá.

É preciso também levar em consideração a relação entre a música psicodélica executada nos anos 1960 e 1970 com as drogas alucinógenas, como o LSD. Em *Do frevo ao manguebeat* (TELES, 2000), o próprio Zé Ramalho explica: “No final dos anos 60 eu descobri os festivais de rock, as drogas, a maconha, cogumelo. Fui hippie, andei de mochila nas costas. O contato com o LSD me ajudou a abrir a cabeça, penetrar nos livros, nas obras de arte, ver as coisas com mais clareza”. (2000, p. 145-146).

5.2 ANÁLISES DAS LETRAS DO CD TAGORE (Álbum Movido a Vapor, 2014)

Neste álbum foram selecionadas três músicas para análise. As canções escolhidas, além de exemplificarem a sonoridade psicodélica, contam com a presença de críticas tanto à cultura designada padrão, como a hipocrisia aceita de formas blasé pelas pessoas. A contracultura, como citada neste trabalho, resgata o poder simbólico de criticar o sistema em forma de arte, como nas letras das músicas. Fazendo assim com que as pessoas enxerguem a realidade através do uso de metáforas e do interdiscurso, muito utilizado pelos grupos psicodélicos.

Tagore (Álbum Movido a Vapor, 2014)

1. Poliglota

A faixa traz, assim como nas músicas do Lp Paêbirú, um arranjo de sons que mesclam instrumentos utilizados no Rock/Blues, na qual o baixo é o principal condutor da atmosfera lúdica do som, Baião² e Samba, manuseando o pandeiro.

Já na no verso “Ser humano animal, poliglota racial, mata apenas por querer, primitivo bem dizer” descreve as peculiaridades do ser humano, especialmente o aspecto da arrogância de se achar a única raça inteligente no universo. Nesses dois pontos, melodia e letra, dispõe a presença do interdiscurso (ORLANDI, 2001).

No trecho “Finge ter só 33, vive às sombras de um talvez, dorme sem agradecer à quem tudo lhe fez ser” há uma metáfora (ORLANDI, 2001) no qual Tagore refere-se ao homem que se se compara e deseja se Jesus Cristo, especialmente na questão ser o “senhor” esplêndido, e sendo assim, imponente, não adota nenhum tipo de gratidão a qualquer outro ser vivo. Tais “homens” tratam todos como inferiores, até mesmo uma criatura da mesma espécie.

2. *Enciclopédia Do Ser*

Enciclopédia Do Ser continua com a mesma temática: a existência do ser humano e sua redução sobre o seu significado. A música traz um ar cômico, satírico, no qual faz joguetes com preceitos tidos como certos pelas convenções clássicas da sociedade.

O trecho “A luz do candeeiro para o povo formigueiro faz um mal”, coincide com a passagem da música “Ouro de tolo”, de Raul Seixas, especificamente com relação ao fragmento “Eu é que não me sento no trono de um apartamento com a boca escancarada cheia de dentes esperando a morte chegar”, no qual critica a natureza de “formiga” do homem moderno, sempre enfileirado, conformado e obediente ao que se impõe como o certo.

Quanto à Intertextualidade (ORLANDI, 2001), o próprio Tagore fala de suas influências em entrevista (O GRITO, 2014) “Parece um encontro de “Taxman” com “Conversa pra boi dormir”, respectivamente Beatles e Raul...”, onde se assemelham em sua melodia.

3. *Crença – Tagore (Álbum Movido a Vapor, 2014)*

Crença é uma crítica ácida sobre a hipocrisia religiosa, enfatizada em versos como “E a santidade da igreja, me comove, da tristeza. Ligo pro pastor. Que insanidade, que frieza, estuprar é uma beleza. O papa é estuprador”. A ideia da letra como um todo foi inspirada em um caso polêmico que ocorreu em Recife no ano de 2009 (O GRITO, 2014). Uma

menina de nove anos foi estuprada por seu padrasto e engravidou de gêmeos. Ela recebeu medicamentos para induzir o aborto, pois havia risco de morte. No entanto, o estuprador não foi excomungado. O então arcebispo de Olinda e Recife excomungou a menina, a sua mãe e toda a equipe médica envolvida (G1, 2009).

Em “Eu tenho cisma, tenho tempo, pra escrever meu testamento. Vou deixar uma coroa de espinhos dourada, italiana, de última geração” há uma metáfora (ORLANDI, 2001) com a coroa usada por Jesus Cristo durante sua crucificação, colocada pelos romanos que os condenaram. Anos depois, a Igreja Católica é determinada religião oficial no império e hoje o centro do poder está estabelecido no Vaticano, dentro da capital da Itália. Por isso é feita a referência a “coroa de espinhos dourada italiana”, pois ela representa todos estes aspectos apresentados.

5.3 ANÁLISES DAS LETRAS DO LP PAÊBIRÚ (Álbum de 1975)

Nestas três letras escolhidas, observamos a presença do misticismo religioso, como também referências à localidade no passado. A forte influência do psicodelismo revela nas letras repetições melódicas e estabelece uma concentração contemplativa através das metáforas.

1. *Trilha do Sumé*

Sumé o cariri é uma microregião da Paraíba, caracterizada atualmente pela ausência de marés. O disco traz o mar como uma simbologia metafórica para representar a tranquilidade e o espaço, vastidão do território no trecho, “Fica perto da tranquilidade, da tranquilidade desse mar”. Com o recurso da análise do interdiscurso (ORLANDI, 2001) presente na letra demonstra que no passado existia água propriamente dita naquele espaço. São encontrados fósseis de peixe no território. Como está presente no trecho, “Peixe de pedra e espinhos no homem de ferro. A igualdade entre a luz e a linha reta que delinea o horizonte.” Se referindo que em algum tempo atrás as cores das águas com a cor do céu se unem e através desse espaço entre céu e terra. Esta igualdade das luzes é justamente quando observamos o horizonte e conseguimos imaginar apenas um único elo. Pois por conta da imensidão não somos capazes de medir, mas de imaginar. “Desceu num raio laser, num radar, com sua barba vermelha desenha no peito a Pedra do Ingá”.

Utilizando a metáfora (ORLANDI, 2001) no trecho que descreve sobre o viajante lunar, a música remete a características psicodélicas, uma vez que se refere ao universo e a

questões interplanetárias. O “barba vermelha” se refere à história do barba ruiva, um pirata famoso conhecido por desbravar locais diferentes e inabitáveis. O restante da música é um diálogo entre um ser humano e a flor, que passa mensagens entre os caminhos do lugar chamado Sumé, localizado na Paraíba. As flores no meio do caminho indicam a umidade do local, algumas não sobrevivem e outras permanecem mesmo com o intenso sol. Então é muito importante conhecer os pontos que guiam nas trilhas, levando assim a lugares onde podem ter água.

2. *Culto à Terra*

Os primeiros treze minutos do álbum Paêbirú contem as canções Trilha de Sumé/ Culto à Terra/ Bailado das Muscarias, nelas há mais instrumentos musicais como tambores, flautas, berimbau, congas e sax alto, do que letras na composição das músicas. O Culto à Terra, segunda música do Lp, denota um ritual centrado na reverência e gratidão à Terra, com repetição de uma reza incompreensível embalada por uma guitarra elétrica distorcida o que revela a forte influência do psicodelismo. O Interdiscurso (ORLANDI, 2001) está presente entre a letra indecifrável, especificamente dessa música, e a melodia sensorial.

A música Culto a Terra apresenta versos pronunciados de modo repetitivo e uma melodia sensorial, que significa a presença de um ritual com a finalidade de estabelecer um estado contemplativo. O efeito, gerado na memória pela melodia, é causado pelos hábitos complexos das tribos indígenas que envolvem toda a aldeia, com pinturas, músicas, danças e rezas.

3. *Nas Paredes de Pedra Encantada*

No verso “Quando as tiras do véu do pensamento”, o véu significa o bloqueio, algo que impede a percepção do ser humano. Quando é retirado ele permite observar o espaço em volta, como diz nos versos a seguir: “Desenrolam-se dentro de um espaço, adquirem poderes quando eu passo. Pela terra solar dos cariri.” Neste trecho ele informa que existe um efeito místico, então quando ele passa por lá é como se obtivesse poderes sobrenaturais.

“Nas paredes da pedra encantada/Os segredos talhados por Sumé/ Cavalgando trovões enfurecidos/ Doma o raio lutando com plutão.” A metáfora desse trecho descreve os rituais dos índios, que talhavam na pedra símbolos e acreditavam estar invocando fenômenos naturais. “Sacrifique o cordeiro inocente/ Numa peleja de violas se desejo/ Num dolente piado de guiné. Nos cabelos da ninfa Salomé”. O trecho que remete ao sacrifício do

cordeiro que lembra os rituais antigos, onde precisava derramar sangue de inocentes, ou de animais dóceis. Os cabelos da ninfa Salomé traz a mitologia grega quando remete a figura de cabelos de cobras, historicamente lembrada por peçonhenta e venenosa.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Objetivo inicial do artigo foi analisar a obra Paêbirú, dos músicos Zé Ramalho e Lula Côrtes e a obra Movido a Vapor, da banda Tagore. Sobre o álbum Paêbirú, é possível dizer que ele estimula um clima de mistério, tanto em relação à produção fonográfica propriamente dita, quanto ao contexto histórico em que ele está inserido. Movido a Vapor tem um teor ácido e crítico das mazelas da sociedade do seu tempo que muito remete ao discurso de contracultura.

Apesar de terem sido produzidas em épocas e contextos político-sociais diferentes, as duas obras compartilham uma sonoridade e ideologia psicodélica. As similaridades, conforme observado no artigo, podem ser encontradas também no conteúdo lírico e melódico de cada álbum.

Na produção deste artigo foi possível compreender a importância do movimento de contracultura na década de 70, envolvendo desta forma os fenômenos trazidos na apropriação cultural do psicodelismo. Ele é imprescindível para compreender os diversos aspectos que permeiam a cena musical underground e que influenciam até hoje a realidade contemporânea, mostrando-se cada vez mais atual. Como foi observado, o LP Paêbirú se tornou um marco na história do psicodelismo nordestino. Paêbirú influencia outros jovens artistas, como compreendemos nas músicas e nos símbolos visuais do grupo recifense Tagore.

O LP Paêbirú foi criado no período que marcou o auge da ditadura militar. Foi um tempo em que diversas manifestações sociais e culturais eram combatidas com forte repressão. Não só uma forma de protesto, a mistura promovida pela psicodelia funcionava como espécie de alternativa à realidade vigente, pelo desejo de uma vida mais livre. Embora o contexto político seja diferente, o grupo Tagore, dos anos 2010, está inserido em um contexto de desconstrução de valores pré-estabelecidos. Um período de maior liberdade de escolhas, seja nos campos políticos, sociais e/ou culturais. É um tempo de “repensar”.

REFERÊNCIAS

CÔRTEZ, Lula. RAMALHO, Zé. **Paêbirú**. Recife: Solar, p1975. 1 CD.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 1997.

HOLLIS, Richard. **Design gráfico: uma história concisa**. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora, 2001.

JOLY, Martin. **Introdução à Análise da Imagem**. Lisboa: Ed. 70, 2007.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

LEARY, Timothy; METZNER, Ralph; ALPERT, Richard. **A Experiência Psicodélica**. Los Angeles: Citadel Underground, 1964.

MIRANDA, Igor. **Documentário desvenda produção do disco mais caro do Brasil**. Correio de Uberlândia. Uberlândia, 11 jul. 2015. Disponível em: <<http://www.correiodeuberlandia.com.br/entretenimento/documentario-desvenda-producao-do-disco-mais-carro-do-brasil/>> Acesso: 20 abril de 2016

MERCADO LIVRE. **Cd Tagore - Movido A Vapor - Original - Frete Grátis**. Santana de Parnaíba, 2016. Disponível em <http://produto.mercadolivre.com.br/MLB-730860293-cd-tagore-movido-a-vapor-original-frete-gratis-_JM> Acesso: 20 abril de 2016

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 2001.

SCHOTT, Ricardo. **Tagore lança o CD ‘Movido a Vapor’ no Sérgio Porto**. O Dia Online. Diversão. Rio de Janeiro, 4 jun. 2014. Disponível em <<http://odia.ig.com.br/diversao/2014-06-04/tagore-lanca-o-cd-movido-a-vapor-no-sergio-porto.html>> Acesso: 20 abril de 2016

SUASSUNA, Tagore. **Movido a Vapor**. Recife: Sun 7, p2014. 1 CD.

TELES, José. **Do Frevo ao Manguebeat**. Recife: Editora 34, 2000.

TRIBUNA DO NORTE. **Disco Paêbirú volta as lojas**. Natal, 27 jun 2012. Disponível em: <<http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/disco-paebiru-volta-as-lojas/224131>>. Acesso: 18 maio de 2016.

YOUTUBE. **TAGORE - Movido a Vapor (2014) - Álbum Completo / Full Album**. Produção de Clayton Barros e Vinicius Nunes. Recife, 2014. 1 vídeo. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=4egaCGncXBw>> Acesso: 20 abril de 2016